

ATHLETA

ASSIGNATURAS

NO ESTADO :
Um anno . . . 5:00⁰
Seis mezes . . . 3:000
Um mez . . . 500

Pagamento adiantado



... mais il est permis, même au plus faible, d'avoir une bonne intention et de l'adire. — V. Hugo.

JORNAL CRITICO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

Publicação quinzenal
PROPRIEDADE D'UMA ASSOCIAÇÃO

ASSIGNATURAS

FORA DO ESTADO :
Um anno . . . 6:000
Seis mezes . . . 3:000
Não se accitam por menos tempo
Pagamento adiantado



ANNO I

Fortaleza—Sabbado, 31 de Outubro de 1891

Numero 9

ATHLETA

Fortaleza, 30 de Outubro de 1891

A Sciencia

Deus creou o mundo como uma grande machina, que sua unica sabedoria podia inventar, que sua unica potencia podia construir.

Este globo immenso, que circumda-nos, que nos envolve ora em um véo azulado, ora em um manto negro, ornado de fulgurantes constellações, tem sido o theatro dos paineis mais horrorosos, assim como dos mais deslumbrantes.

Sabeis o factor de tudo isto ?

E' o homem.

Deus formou o homem diz o oraculo da Escriptura, para ser o senhor do universo d'uma tão nobre instituicao. Collocou em suas mãos toda a natureza, para ser applicada á seus usos, de ornal-a com as côres mais vivas da arte, porque a arte não é sinão a belleza da natureza.

O homem teve necessidade de viver, de conhecer não só a si proprio, mais ainda de conhecer esse azul opalino, que se estende por sobre nossas cabeças, este tapete de variegadas côres, que orna a superficie immensa do nosso Planeta e este manto verde-azul, que perde-se na amplidão dos mares.

Teve necessidade de alimento e estudou os meios pelos quaes poderia obtel o.

Teve frio e a necessidade o obrigou a investigar os meios pelos quaes poderia cobrir a sua pelle. E assim a sciencia foi caminhando a passos agigantados na vereda do progresso.

Os primeiros homens entregaram se a caga, isto é, sentiram a necessidade de preparar um terreno para as gerações futuras e portanto era mister expulsar d'elle os animaes damnhinhos.

A primeira guerra foi a guerra dos elementos.

O homem teve que lutar contra os rios, clima, animaes e até mesmo contra o proprio homem.

Nemrod celebrisou-se em todo o Oriente, isto, porque era um caçador destimido que não recuava em frente do mais horroroso monstro.

A flecha, o dardo e a massa foram os primeiros instrumentos das conquistas n'esses tempos barbaros.

Veio o estado pastoril, em que a vida do homem consistia em fazer tendas pelos campos e em apascentar rebanhos. Mudavam de logar a proporção que a pastagem diminuia, isto, porque toda sua riqueza consistia em rebanhos.

Apparace o estado agricola.

Com a agricultura apparecem novos progressos.

Entre elles a invenção de instrumentos, a extracção de metaes e o emprego de animaes domesticos para uso do homem. Surge a lei da solidariedade.

L'union fait la force. Le mond marche.

Confessamos que não podemos contemplar sem admiração essas maravilhosas descobertas, que tem feito a sciencia para penetrar nos segredos da natureza, nem tão bellas invenções, que a arte encontrou á accomodar o nosso uso

O homem tem por assim dizer transformado a face do globo terrestre: tem domado pelo espirito os animaes, que o excediam em forças: soube disciplinar seu humor brutal e constranger sua liberdade indocil.

O homem descobriu o meio de sulcar os mares e conquistar nações incognitas e por meio da sciencia transformar os indigenas em homens civilizados.

Tem encurtado a distancia dos continentes, usando do dragão flamejante, que os percorre com a maior velocidade: tem por sua industria forçado a terra a lhe dar alimentos mais substanciaes; as plantas a corrigir em seu favor seus fructos.

Enfim a sciencia tem descoberto tudo o que ha de nobre e elevado.

cobardia, despotismo, suborno! Assim pois como Pedro I teve um J. Bonifacio, um E. da Veiga para salvar-o da critica situação em que se achava a sua dynastia, Pedro II, teve, nos seus ultimos dias um Wanderley, um C. de Figueiredo para precipital-a, embora inconscientemente. A expulsão de um em 7 de Abril, repercutio na d'outro em 17 de Novembro!

Essas licções porem deviam aproveitar ao povo, que foi victima de sua boa fé, explorado por longo tempo na orgia de 3 reinados desorganizadores.

Felizmente o novo mecanismo que se acha em construcção, presentemente, tem elasticidade bastante para remover ao menos todas as fêzes que ousam cahir a tona d'agua limpida e crystallina. O despotismo não poderá erguer a mão por longo tempo, porque essa terá de ser cortada para exemplo das gerações vindouras.

Os vicios porem que continuam a lavrar na base d'organismo-nacional, mormente no seio dos partidos ou racções que vivem por ahi, desorientadas, sem bandeira fixa, é filha ainda desses desvarios de uma longa pousada em campos contaminados de toda sorte de miasmas pestilenciaes.

Depois as condigões entre o todo e a parte, em que tem se achado, muita vez, a sociedade brasileira nas conquistas liberaes.

Está a ólhos vistos, a «liberdade, que si não pede de joelhos», na phrase de E. Castellar, tambem não se conquista perduravel sem um esforço de lueta inaudita e incruenta.

O Brazil beijou a fronte da deusa, porem sem a fé robusta de um convencido. E' preciso pois confessar essa verdade.

A maioria do povo no Brazil, é sabido por todo aquelle que estuda com os factos, é tam imbecil, tam indifferente, em politica, ao bem estar da patria, quanto é propensa a toda sorte d'escandalos. Cesar ou Pompeu, João ou Pedro, Isabel ou Gastão, Cotegipe ou Celso, Deodoro ou Lucena...

Nesse pé então em que vemos as cousas, é motivo de reparo a nova phase politica que atravessa o nosso cáro Estado.

Grupos ou racções, vivem ahi sem orientação alguma, sem idéas, sem credito, sem patriotismo, em derredor ainda de uma cousa ou sombra, a qual appellidam de bandeira, idéas, partido: uns, degladiando-se na praça publica os episodjos da scena burlesca; outros, amortecidos, cadavericos, de longa jornada sem resultado, beneficos; cahidos, murchos, descrentes, como a flôr ao pé de um tumulto na campa eterna!

Os jornaes vivem sem duvida sem um estimulo da opinião, firme e orientada, nos grandes delienamentos que deve ter a imprensa moderna na nova patria.

Não se conhece no presente momento outra fé jurada, sinão que foram victimas de um pezadello que os embriagou, para

A NOVA PATRIA (1)

I

O facto grandioso, estupendo, providencial mesmo, de 15 de Novembro, em nossa patria, veio confirmar, ainda em seus dias primitivos, que não encontramos de pé essa geração viril de 1822 e 31, abraçada com o lemma da patria, embora desviada, em seu percurso, dos verdadeiros fins reaes.

Causas diversas porem influiram para esse desenlace, ou amortecimento repentino, depois da explosão de uma febre—quasi congestional.

Uma machina constante trabalhava até a pouco com afincio no desmoronamento de toda actividade nacional. Eram sem duvida forças centrifugas que se contrahiam em frente da evolução d'America.

Não obstante porém a malefica influencia, a eriminosa vontade de 2 ou 3 reinados ominosos, não apagou-se do povo os ultimos vestigios dos combatentes de 89, 17, 24, 31 e 35.

D. João VI, Pedro I, Pedro II, da repudiada casa de Bragança, em dissolução, alliada hoje a de Orleans, só divirgiram, no meio de acção, contra os destinos de nossa patria. A synthese desse triade de bastardos resume-se mais ou menos nisso:

(!) O signatario declara ser o unico responsavel pelos seus escriptos.



os precipitar do alto cume da montanha, onde sinão poderam soster, por muito tempo, ao clarão da nova luz.

E essa victima que propositalmente deixamos embuçada sob a capa de um peza-dello, não pode ser outra sinão—a nevróse que se denomina—apostasia de crenças, vertigem de mando, de poder, de interesses, affectação de convicções para o que faltaram-lhes todos os predicados, que só o civismo, o sacrificio, a honra, a virtude com o exemplo, pela adversidade, podem conquistar!

Tristes sombras passam e passarão pelo firmamento de nossa patria, si bem cedo a fé orientada pelas scintillações dos ultimos heróes de 1870 e 88, que se conservam de pé, contemplando: uns, a rotação de um estado americano; outros, envolvidos, convivendo na confusão das massas; e, outros, finalmente, no seu posto de hontem lamentando comsigo, talvez, a ingratidão do povo e a responsabilidade injusta pelas faltas alheias; não vier presidir, por algum tempo, os grandes destinos que a justiça e o merito devem sellar como garantias.

Deante então do pedestal da patria enegrecida, vemos como um túmulo a descrença e a injuria levantada pelos sebastianistas, que estão a surgirem; antigos e modernos já deram-se as mãos, depois do beijo de judas a instituição que abraçaram, muitos, mediante fé publica, e não puderam explorar, a gosto; agora, como salvadores do cofre, do sacrario precioso e sancto, que nunca poderam construí-lo, nem admirar-o ao menos, sinão extasiado pela audacia dos *loucos* bandeirantes!

(Continúa).

J. DE FREITAS.

O meu primeiro raio de amor!

A M***

Era n'um d'estes bailes onde todos os corações nos enleios mais sublimes, gosam os praseres e as delicias da vida, que se encerram sob o denso véo do amor!...

Amor!...a expressão que nos dura a vida, a inspiração do genio, o alento, a doçura, a luz tão querida, destas noutes alegres de ventura e paz.

Foi ahí, que no delirio da walsa, atravez do turbilhão de passos, senti meu peito te fallar de amor; e n'este instante, excitado por uma d'estas paixões ardentes, um beijo pousei na tua fronte alliva, como uma gotta de orvalho que se balaça ostrepitosamente nas pétalas d'uma rosa, antes do raiar do sol!

E o meu pobre coração?!... Ai! Sentindo a sensação de um beijo, ficou frio e silencioso como a pedra tumular! Suppuz que era debruçado sobre o teu collo original como n'um leito de velludo alcatifado de flores, era porém, levado nos braços de Morphêo!...

Quando ouvindo a tua voz maviosa qual do nauta a fresca lyra e forte como o bronze de lá da igreja, despertei d'aquella lethargia.

Me dizias assim: Amo-te!

Em que pensas tanto?...

Te respondi: Penso nas noutes tristes que passei, sem gosar o doce contacto da mulher que se ama!...

Hoje, a vida para mim, é como uma flôr que, perfuma o orvalho,—O Pranto!... desabrochando-se ao primeiro raio do sol, o—Amor!?...

Margo de 89.

ANNIBAL SUETONIO.

A VISINHA

Reside hem perto a mim
uma bella moreninha
cheirosa como o jasmin,
experta como a andorinha.

Tem dois olhos rutilantes
como se fossem dois soes,
que chispam como brilhantes
no seo rosto côr da noz.

Os seus cabellos são pretos
tão pretos como o carvão
valem mais do que sonetos
rimados no coração!

Os dois seios despontando
macios como o selim
vivem sempre palpitando
cheios de gosos sem fim.

O galante moreninha
o fonte de inspiração,
si a minh'alma fosse minha,
si meu fosse o coração,

eu contente t'os daria
satisfeito de t'os dar
e nos teos olhos teria
a minha estrella polar.

TH RIBEIRO JUNIOR.

SONHANDO

(A CREOBOLINA)

E' meia noite. E' a hora dos phantasmas; a hora em que o espirito vagueia em liberdade pela amplidão do infinito em busca de luz, em busca do imprevisto!

Só, no meio de um silencio profundo somente interrompido pelo lugubre gemido do vento senti-me de repente arrebatado por um ser invisível e levado pelo espago.

Instintivamente fechei os olhos, e deixei-me arrastar.

E voei.

Passei alem das nuvens, e o ser invisível continuava a arrastar-me vertiginosamente.

Os astros que gravitam no espago passaram por mim como sombras phantasticas, e eu a voar... a voar!

Passei por Mercurio com os seus annos de 87 dias; por Venus com os seus de 224; por Marte, Jupiter, Urano e Nepluno que a percorrer a sua orbita gastam nada menos que 60086 dias.

Por fim terminou a carreira e sentindo que meus pés tocavam em terreno firme, abri os olhos e fiquei deslumbrado.

Achava-me em um mundo desconhecido.

Envolvia-me uma claridade doce e suave, e o ar embalsamado e puro que alli se respirava enchia-me de um bem estar indissível, de um que de felicidade que de tudo esqueci para amplamente gosar-a.

Senti-me feliz, muito feliz porque tinha abandonado o mundo, esse charco onde chafurdam-se todas ás más paixões, todas as miserias humanas. Tinha deixado esse mundo vil que segundo Massillon é uma escravidão eterna, onde ninguem vive para si, e onde para se viver feliz, é mister poder beijar seus ferros, e amar seu captivo.

Oh! tinha-o deixado para sempre!

Lembrei-me que quando alli ainda habitava tinha lido, não me recordava em que ancor que a felicidade, a pura felicidade sem mescla de outra cousa, era uma planta que tinha seus jardins nos ceos, e desde então comecei a procural-a.

Alem eu via um pequeno bosque formado de boninas e mil outras floresinhas multicores. Para lá me dirigi.

Ao chegar ao limiar do pequeno bosque não sei que presentimento me fez evitar a menor bulha.

Um silencio profundo reinava alli.

Entrei. Logo aos primeiros passos senti vergarem-se-me as pernas, uma nuvem passou-me pelos olhos, e por pouco não caí!

Mudo, tremulo, como que fascinado estive por muito tempo com os olhos fitos em uma visão sublime que alli se apresentara.

Em um macio leito formado de relvas dormia uma mulher!

Suas vestes aliás de neve modelaram umas formas divinaes, e pela transparencia da fina fazenda advinhava-se uma epiderme delicada e fina cujo contacto seria capaz de resuscitar um morto.

A virgem teria 16 annos quando muito.

Morena, olhos negros e vividos, uma bocca encantadora, cujos labios assemelhavam-se a uma flor de romã, entreabria-se em um angelico sorriso e nem mesmo um santo resistiria ao desejo de sorver o delicioso aroma que d'aquella linda flôr emanava. Ah! como nesse momento desejei ser um beija-flor!...

Pé ante pé acerquei-me d'aquella forma divina, e perfeitamente convencido de que era aquella a flor a que se referia o aulor cujo nome me esqueci, quiz colhel-a.

Já sentia bafejar-me o rosto o quente e perfumado halito da virgem dormente; já meus labios em fogo procuravam soffregos tocar de leve a mimosa flor quando repentinamente abriu-se o vacuo e eu precipitei-me no abysmo.

—«Para o banho do mar!»—gritou uma voz. Fazendo um esforço homerico consegui abri os olhos ao som d'aquella voz e vi que todos os meus companheiros, de toalhas ao hombro, davam valentes empunchões na minha rôde para que eu os acompanhasse ao banho.

Fulo de raiva mandei a elles e ao banho ás favas.

Levantei-me. Eram 4 horas da manhã. E ella? A visão?

Ah! evaporou-se com o sonho que eu acabava de ter!

ROMEO

LEPUS

Flevit lepus parvulus
Clamans altis vocibus:
Quid feci hominibus
Quod me sequuntur canibus?

Neque in horto fui,
Neque olus comedi.

Longas aures habeo;
Brevem caudam teneo.

Domus mea silva est
Lectus meus durus est.

Quid feci hominibus
Quod me sequuntur canibus?

UMA VISINHA

A primeira vista não nos simpatizamos, a impressão que mutuamente recebemos foi má... e assim decorreu quasi um anno.

Eramos visinhos fronteiros, viamos-nos logo ao amanhecer, mas nunca um leve comprimento amenizou de alguma forma as nossas *olhadelas* de visinhos que não se gostão ou que não se conhecem.

Ella passava por ser a belleza da nossa rua, e eu ia pouco a pouco reconhecendo a verdade deste epitheto innocente com que todos a saudavam.

Casou-se uma priminha della, e por esta occasião trocámos alguns olhares mais ternos, que traduziam segredos até então invioláveis; e começamos a nutrir um pelo outro uma certa e inexplicavel tendencia amorosa, que me fazia recuar ao mesmo tempo que levava-me a futurisar um progresso luminoso para aquelle embryãozinho de amor.

Então iniciaram-se as grandes insomnolencias que povoam as noites dos rapazes, quando são tocados pela aguda seta de uns olhos bellos.

Estava eu completamente apaixonado pela minha bonita visinha, um anno depois de vel-a todas as manhãs, quando ella talvez recordasse ainda algum sonho angelico, durante o qual fora arcanjo ou cherubim. Era uma paixão vehemente cujos resultados já começavam a actuar de alguma forma na minha vida intima de estudante, isto é, já me transformava os calculos que costumava fazer á noite sobre a lição do dia seguinte, invertendo assim a difficilissima collocação das incognitas que aliás me atrapalham.

Já vai bastante adiantado o *namorico*, e Ella é deveras sagaz para furtar-se as vistas dos meus bons companheiros de *Rea*, por sua vez bem espertos.

As vezes desejo esquecer-a, afim de readquirir o socego primitivo, mas é tarde... a loira visinha fascina-me, e eu passo horas contemplando-lhe o rosto lindo meio escondido por traz das venesianas esverdiantes do seu palacio de belleza.

E, quando irrompe a doirada manhã travéz de um crepusculo sanguineo e decadado, eu apos a acostumada visita ao meu allido canario, tenho o prazer de comprimentar a minha loira visinha, que então, alvez tenha ainda em mente as doces illusões de um sonho de virgem.....

J. ALINSEUS.

RECORDAÇÃO

Era uma dessas noites tão communs entre os tropicos, em que o mais habil pincel encontraria difficuldade para desenharem as bellezas do firmamento. Alli a casta Diana, como rainha orgulhosa do espaço, derramava sua luz argentina sobre a terra, envolvendo-a num placido olhar de meiguice.

Em um jardim da cidade **** gosava-se nesta noite as delicias de um alegre passeio.

Edwin, jovem de dezoito annos, sentado junto de um combustor, devorava o seu havano, o fumo sumia-se no ambiente ao mesmo tempo que seu pensamento,

divagando pelas remotas regiões do passado, o deixava envolto em pueris illusões. De repente sentiu-se elle possuido d'um phenomeno indefinivel: Um misto de alegria e tristeza apoderou-se de sua alma, enquanto que seus olhos anciosos seguião por entre a multidão uma donzella que a pouco passara.

Era o primeiro ensaio do amor que principiava a electrizar-lhe o coração, tomando lentamente gradações consideraveis.

Absorto em ternos pensamentos, Edwin reconheceu nessa virgem adoravel a imagem do seu ideal.

Era ella excessivamente bella; trajava de azul escuro e na altura do peito sobresahia um lençinho branco, cuja graça provocava ainda mais no coração do joven a ardente evolução de um sonho venturoso.

Passarão-se dias durante os quaes Edwin, engolfado em suaves pensamentos, só pensava na ridente estrella que illuminava a florida estrada do seu idealizado porvir, e nesses doces momentos de phantasia elle divisava uma sombra risonha e affectuosa que minorava suas maguas: era a sombra meiga da esperanza. Em breve rasgou-se o véo que occultava o bello horizonte de seus dourados sonhos, o mar das illusões e incertezas que o submergira transformou-se na fonte da mais pura e ditosa realidade. Os doces sorrisos recebidos dos labios nacarados da formosa virgem sellarão-lhe o livro de amor que ha muito estava encerrado em sua alma, quando via suas roseas faces della já não temia ser arrebatado nas azas procellosas da desdita, porque sentia, pela influencia de Apollo, as mais sublimes inspirações que só podem brotar de uma alma cheia de affectos e correspondida por um amor puro e vivificante como o da virgem formosa, que ficou para sempre retratada em seu coração.

E voz, oh jovens que como Edwin peregrinão pelos paramos longinuos da existencia, com o espirito occupado pelo mais nobre sentimento e pelas phantasticas illusões dos dezoito annos! pedi a cupido que enfeite o horizonte da vossa juventude e direis se não é este o periodo em que um phenomeno inexplicavel, cujos effectos são tristes ou ditosos, apenas manifesta-se em nossos olhos, penetra até o mais recôndito canto dos nossos corações, demonstrando de um modo irreirragavel o producto dos sonhos juvenis, o qual traduz tão suavemente a palavra amor.

ASTROGILDO SILVA.

Oh! eu quero morrer!

A TH. RIBEIRO JUNIOR

Oh! eu quero morrer! já padeci bastante! Desprezo a vida, a vida que me ultraja e mata, Esta vida mesquinha, pequenina e chata. Oh! eu quero morrer! Já padeci bastante!

Oh! sim, que venha a morte, a morte horripilante Que eu não quero viver nesta vida insensata, Nesta vida mesquinha, pequenina e chata. Torpe e incomprehensivel que cuspiu no Dante.

O mundo é sempre o mundo q' assassina e ri! Amor, uma illusão atraz de que corri Que me abraçou o craneo novel, delirante.

Amor e mocidade! Insolvel problema! Eu odeio a materia immunda que me algema, Oh! eu quero morrer! Já padeci bastante!

FLABELLE.

A TRANÇA

(Sobre uma pagina de Lamartine)

A FLAVIO BELLEZA

Quando ella vio que a morte, a morte impiedosa roubava lentamente a sua doce vida chorou porque não via junto á sua unida a imagem do poeta—a imagem vaporosa

Como eterna lembrança—interprete amorosa mandou-lhe a sua trança, a trança ennegrecida, aquella que cortou no dia da fugida quando longe do lar andava suspirosa

Chorou... seu pranto foi tornar a trança unida e a lagrima final—a perola cahida a vida arrebatou da procitana bella...

E o pallido poeta—a imagem vaporosa —coitado—ao receber a trança perfumosa bebeu num beijo a dor da pobre Graziella...

ALÍPIO BANDEIRA.

ME LEMBRO

(A SOLERNO MOREIRA)

Era em um dia de Julho, o sol com seus lucidos raios dourava o cimo das montanhas; da floresta, ao longe, ouvia-se o trinar dos passaros o rugir dos animaes: os pastores, empunhando instrumentos melodosos, iam alegres conduzindo ao fago seus rebanhos. Grande festa celebrava a natureza! E eu que tinha a vista voltada para os sumptuosos monumentos do passado e contemplava aquelle campo ornado de flores, em que o colibry volavel, osculava uma e outra com indifinivel prazer, vi de longe, muito longe mesmo, um vulto sublime, magestoso, me parecia, caminhar de vagarinho para o lugar em que me achava! Esperei. Uma nuvem de tristeza que me cobria o rosto, desapareceu, fugio, quando vi a meu lado uma virgem loura, bella, pallida—de uma pallidez angelica, de uns olhares ternos scintillantes de luz e amor. Os cabellos soltos ao prazer do vento eram bellos! A falla meiga e doce como o gorgear de um rouxinol! A alegria que tive ao ouvir a voz d'aquella virgem impossivel é descrever!

Subito um affecto puro, candido, santo se apoderou de mim; senti uma chamma abrasadora devorar-me o peito. Amei-a, amei-a loucamente.

Minha vida que não passava de um mysticismo de dores e afflicções, tornou-se um complexo de glorias e prazeres. Amei-a.....

Era bella a virgem loura, «de primorosas formas,» que me guiava pelas luminosas paragens do infinito ao santuario da felicidade!... E conversámos em mil cousas diversas!... Depois ella, o anjo de meu futuro, deixou cahir de seus labios uma canção maviosa, apaixonada e cheia de mysterios, e eu não pude dizer uma palavra que traduzisse meu sentimento em aquelle instante de delicias. Sublime canção!... Era o fructo de nosso amor, a nota harmoniosa de um peito traduzindo a brevidade de nossa união!... E continúo amal-a....

S. RIBEIRO.

EM SONHO

Ardia em febre e tinha na cabeça
um peso singular que me abatia,
'na minha vista nevoenta, espessa
mil espectros phantasticos eu via.

Nos ouvidos andava-me um zumbido;
quize descansar: achava-me doente,
deitei-me mollemente aborrecido
e logo adormeci profundamente:

Vi a doce visao dos meus amores,
essa mulher angelical e bella,
sem o brilho dos olhos sonhadores,
aquelle beijo, que me abraça e gela.

Chegára! Sob a dor, que me pungia,
molhei-lhe «com meu pranto» o seu cabelo
porque, meu Deus, eu nunca mais viria
aquelle olhar mixto de fogo e gelo!

Ella tambem, ella chorava a um canto
toda engolphada 'na amargura infinda
e eu quize morrer para não ver-lhe o pranto
e eu quize viver para adoral-a ainda.

Nisto accordei: achava-me cansado,
não respirava e o peito comprimido
arfava doudamente fatigado
como tendo abafado algum gemido.

PITOLINO.

ADEUS DO EXILADO

(A SAUDOSA MEMORIA DE MEU PAI)

Longe da saudosa choupana onde viveu
feliz, encontrei um desgraçado a quem a
sociedade conferio-lhe o nome de exilado.
Exilado! Sim!

Todos que tem a desdita de viver ausente
dos carinhos de sua boa mãe e dos afagos
de seus irmãosinhos, soffrendo as vio-
lencias de seu destino cruel, despresado
de todos e mendigando o pão, gosam
d'este nome execravel. Luiz era o nome
d'este infeliz de que fallo. Despresado como
um cão lepreto e maltrapilho como os
pobres habitantes do sertão acossados pela
secca, andava pelas ruas da cidade de....,
ajoelhando-se aos pés dos homens de ca-
saca que vil e cobardemente lançavam-lhe
em rosto alguns gracejos vergonhosos e
samente dignos de suas pessoas.

Ante aquellas palavras que feriam-lhe o
coração, Luiz, punha as mãos na cabeça e
chorava amargamente! Pedia ao Omni-
potente que arrebatasse-o d'este vasto
mundo que só se encontra soffrimentos, e
encurtasse esta vèreda que só se encontra
abrolhos—a vida—Lembrava-se da que-
rida mãe e suas lagrimas augmentavam a
cada recordação!

Todos por curiosidade o cercavam, cha-
mavam-o de louco e elle consolava-se com
o dizer: «Pedi a Deus felicidade.» A tur-
ba crescia e cada qual, indifferente aos
soffrimentos d'aquelle cordeiro, victima
do odio dos homens, dirigi uma pilheria
de máo gosto e era applaudido por todos.
Atrasada sociedade! Empurravam-o e elle
resignado como o Salvador no caminho do
Calvario e como o condemnado que espera
tristemente seu ultimo momento, apenas
encarecia: «Uma esmola pelo amor de

Deus». Assoadas dos miseraveis eram em
quantidades, e elles não pareciam ouvir a
voz de suas consciencias que assim falla-
va: «Corações de bronze, compadecei-vos
d'este que soffre! Corações de fêras não
saciei vossos instinctos sanguinarios nesta
infeliz creatura! Vêde que podeis ainda
achar-vos n'estas tristes condições e de-
sejareis, então ser soccorrido, porém vosso
arrependimento ha de ser tarde!

Observai o futuro, e vêde que elle póde
vir pintado com negras côres, e então se-
reis tambem um desgraçado!»

Já era tarde e os perversos curiosos
começaram a retirar-se!

Luiz ficou sózinho, exposto ao sol ar-
dente, e sem forças para levantar-se! Fez
mil esforços para chegar-se a sombra de
uma frondosa arvore, porém, em vão!
Eis que, destinado por um ser poderoso
e benevolo—Deus—apparece-lhe um seu
amigo, e Luiz reconhecendo-o assim pro-
rompeu em prantos: «João, meu amigo,
tem compaixão do desditoso exilado! Dá-
me o que commer!» João não póde conter-
se: Abraçou seu amigo e chorou.»

Levantou-o e ha muito custo conduzio-o
para sua casa, onde procurou salv-o.
Era tarde!

A fraquesa que Luiz tinha, privou-o de
viver muitos minutos.

Já a exhalar o ultimo suspiro, João ouviu-
o pronunciar esta phrase commovedora:
«Deus! minha.... querida....mãe!!!»

Fortaleza—2 de Outubro de 1891.

SOLERNO MOREIRA.

MINHA MÃE

AO MEU IRMÃO, O DR. PEDRO NETTO

Sem ti, sem ti minha vida
E' um completo desgosto:
Eu tinha meo culto santo
Na pallidez do teu rosto.

Nesse teu rosto divino
Onde a bondade poisou
Eu tinha minha ventura
Que só de ti se formou.

Choro ás vezes porque sinto
A dor da separação,
Doce mãe porque descansas
Debaixo do frio chão!

Lá descansas! entretanto
Eu tenho dentro do peito
A tua imagem guardada
Como 'num sonho desfeito.

Ceará—91.

EMILIO NETTO.

ERRATA

No soneto—C—publicado no numero
passado do nosso periodico, onde lê-se:

—A' lama, á podridão—a sua dictadura,
leia-se:

—A' lama, ao charco—a sua dictadura.

Na poesia—*Mane*, Techel, Phares, onde
lê-se—alma de podridão, leia-se—oh, alma
de podridão.

"SILVA JARDIM"

Recebemos o 1º e 2º n.º deste intrepido
batalhador. Traz bem elaborados artigos
e é redigido por habeis pennas.

Desejamos ao collega uma vida mathu-
salenica.

Tobias Coelho

No dia 28 completou mais uma prima-
vera o nosso collega de redacção o talento-
so Tobias Coelho.

Mogo, intelligente e ousado, Tobias Coe-
lho vê alem um futuro glorioso a accenar-
lhe prazenteiro.

Enviamos nossos parabens ao intrepido
batalhador e fazemos votos para que veja
elle raiar por longos annos a aurora de
dia 28 de Outubro.

RAYMUNDO CABRAL

No dia 29 deste completou mais uma
primavera em sua preciosa existencia o
nosso amigo Raymundo Cabral, fazemos
votos para que elle veja sempre surgir nos
dourados horisontes de sua preciosa vida
esta estrella resplandecente.

Tobias Coelho

SYMPATHICO E TALENTOSO ALUMNO DA
ESCOLA MILITAR

No dia de hoje, em que a aurora rom-
pendo annuncia mais um anno na vossa
preciosissima existencia, eu, humilde apre-
ciador do vosso talento, não podia deixar
de dar expansão ao jubilo de que me ache
possuido por tão faustoso acontecimento,
pois nelle vejo o desabrochar de uma in-
telligencia fecunda que á patria cearense
prepara para o futuro.

Recebi, pois, do vosso admirador, as
sinceras felicitações pelo vosso anniver-
sario natalicio.

Fortaleza 28 de Outubro 91.

R. ALVES

Logogripho

A TOBIAS COELHO

(Premio)

Os 1—36—13—12—6—19—3—10—8—
raios do sol—32—33—25—40—15—21—
batiam coruscantes—7—4—Janella, 23—
7—38—24—costumava debruçar a—12—
39—7—26—20 mimosa 32—25—17—36 de
25—11—3—2—7—14—28—39—36—31, a
12—13—7—26—31—perspectiva 12—20—
18—19—7—9—25.

Neste 12—27—12—6—7—34—15 paten-
teio 17 verde 1—23—29—16—13—14—27
e 7—35—12 abrir 25—20—34—10 de
18—15—22—22—31 e 27—29 olhos 13—7
—38—41 submersos de 1—3—2—7—34—11
de 12—15—36—1—26—28—30, vejo 35—
12 sorriso 38—6—21—1—36—28—7—38
—24—3—8—28 angelical 38—6 seus 25—
37—5—39—15—21 roseos 24 excitar-me
35—12—37 lepida 29—20—33—38—2—22
—4—10 transbordada 38—6 meiguice.

JOSE B.

Impresso na typographia do
Libertador.